

PATRIMÔNIO NATURAL E IDENTIDADE CULTURAL: UM LEGADO PARA O AMANHÃ

Helena Amaral Sant Ana¹

Resumo:

Este trabalho busca explorar as possibilidades de pensar a natureza como fonte e agente histórica, adotando um olhar crítico e sensível. Reflete sobre a importância de inserir o espaço natural nas discussões patrimoniais e nas suas relações com diversas formas de saber, como fundamentais para conceber um patrimônio do amanhã e as manifestações da vida em si. A natureza, com seus elementos persistentes no tempo e na memória, é vista como um legado vivo das interações entre sociedades e ambiente ao longo do tempo. Portanto, o patrimônio natural une elementos físicos da paisagem com narrativas, saberes e práticas culturais, engloba a preservação de ecossistemas, a manutenção da biodiversidade e a valorização de tradições e culturas. A relação contínua com o território é essencial, especialmente para comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, cujas culturas estão ligadas ao ambiente natural. Reconhecer e valorizar o patrimônio natural como um “patrimônio do amanhã” é crucial para garantir um futuro onde identidades culturais e diversidade ecológica sejam respeitadas e protegidas. Essa proteção é um ato de resistência contra a homogeneização cultural e degradação ambiental, reafirmando os laços históricos das comunidades com seus territórios e garantindo que as futuras gerações herdem um mundo onde a diversidade natural e cultural floresça. Como argumenta Ailton Krenak, a compreensão do passado e a projeção do futuro estão entrelaçadas com os ciclos naturais e as experiências humanas, onde a natureza serve como testemunha viva de uma história compartilhada.

Palavras chave: Identidade cultural, Patrimônio natural, sustentabilidade.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Historiadora pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: helenaamaralsantana@gmail.com

Durante o desenvolvimento do mestrado, foi investigada a colonização da região que viria a formar a Freguesia de Aiuruoca, no sul de Minas Gerais. Ao longo das pesquisas, observou-se como os elementos naturais desempenharam um papel central na narrativa histórica, atuando como meios de localização e demarcação de fronteiras físicas e simbólicas, mas também como componentes identitários que carregam em si marcas de processos históricos.

Esses elementos naturais, desde sua concepção como partes de uma natureza mítica e selvagem até sua nomeação e inserção no imaginário colonial, passaram por sucessivas ressignificações ao longo da colonização e do desenvolvimento científico. A partir dessa perspectiva, relacionou-se a colonização às formas de conceber a natureza, destacando-se as permanências e transformações que ocorreram nesse processo.

Além disso, identificou-se a natureza como uma fonte histórica em si mesma. Os elementos naturais mantiveram-se ao longo do tempo, o que suscita questionamentos: o que esses vestígios indicam sobre o passado? O que a toponímia revela sobre a percepção e a apropriação desses espaços ao longo dos séculos? Quais foram os usos, apropriações e ressignificações da natureza ao longo da história, e como essas práticas moldaram a identidade regional e as relações de poder?

Neste contexto, apresenta-se um trecho do VIII Soneto de Cláudio Manoel da Costa, onde o autor escreve:

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rústica floresta.²

As palavras de Costa refletem a ação do tempo e a relação entre mudanças e permanências na paisagem contemplada. Seus versos revelam como os elementos naturais persistem no tempo e na memória afetiva do observador, funcionando como testemunhas de uma paisagem transformada. Mesmo transformada, a paisagem ainda

² COSTA, Cláudio Manoel da. *VIII Soneto*. In: Poemas. São Paulo: Editora Cultrix, 1966. p. 3. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/CLAUDIO_MANUEL_COSTA/POEMAS/POEMAS.PDF. Acesso em: 10 out. 2024.

conserva vestígios de um passado que resiste nas formas dos rios, montanhas, troncos, rochedos, árvores e na densa floresta, elementos que desafiam as vicissitudes do tempo e das mudanças. Diante dessa resignificação, esses componentes naturais carregam consigo marcas de um tempo transcorrido, testemunhando a efemeridade da vida, que também se entrelaça a permanências significativas.

Tempo, natureza e vida estão em constante transformação, em um fluxo que continuamente molda e redefine o mundo. Essas mudanças se tornam observáveis na passagem das estações, no movimento dos rios e nas nuances sutis do cotidiano. Entretanto, é nas narrativas que tais transformações ganham tangibilidade. Ao narrar o espaço, suas características e nuances são fixadas no tempo da escrita, criando uma janela para o passado e permitindo que a paisagem histórica se torne perceptível aos sentidos.

É notável observar que, assim como o espaço físico, as narrativas estão sujeitas a transformações e interpretações à medida que se entrelaçam e convergem com outras fontes de informação. Essas narrativas também refletem as percepções e anseios do contexto presente, evidenciados nas perspectivas sobre a ocupação do espaço. Esses anseios, historicamente, impulsionaram a transformação dos recursos naturais em matéria-prima e fomentaram ambições de poder e enriquecimento.

A análise permite relacionar as reflexões ao conceito de patrimônio natural, compreendido como um legado vivo e dinâmico das interações entre as sociedades humanas e o ambiente ao longo do tempo. O patrimônio natural não se resume aos elementos físicos da paisagem, mas também abrange narrativas, saberes e práticas culturais que moldaram e foram moldadas por esses elementos. Ele envolve a preservação dos ecossistemas, a manutenção da biodiversidade e a valorização das histórias e significados culturais associados à natureza.

Sob essa perspectiva, o patrimônio natural é reconhecido como portador de vestígios históricos fundamentais para a compreensão das identidades locais e nacionais, das práticas de uso e manejo da terra, e das concepções e interações das sociedades com a natureza. Esses vestígios, materiais e imateriais, são essenciais para a conservação ambiental e para a continuidade das tradições culturais e memórias coletivas que definem a identidade de um povo e sua relação com o território.

Patrocínio Master

Gestão

Realização

Essa relação com o território é uma realidade presente que exige valorização contínua. Considerar o patrimônio natural como “patrimônio do amanhã” implica pensar na preservação dos ecossistemas, no fortalecimento da identidade e da memória de um povo em seu espaço. Isso é especialmente relevante para comunidades tradicionais, povos indígenas e quilombolas, cujas culturas são partes ativas do ambiente natural.

Preservar o patrimônio natural, portanto, significa assegurar que essas comunidades possam continuar a exercer suas práticas culturais, sociais e econômicas que dependem diretamente da natureza. O reconhecimento e valorização do patrimônio natural como patrimônio do amanhã são fundamentais para construir um futuro onde as identidades culturais e a diversidade ecológica sejam respeitadas e protegidas.

A proteção desse patrimônio é um ato de resistência contra a homogeneização cultural e a degradação ambiental. É uma reafirmação dos laços históricos que as comunidades mantêm com seus territórios e um compromisso com as futuras gerações, garantindo-lhes a herança de um mundo em que a diversidade natural e cultural não apenas persista, mas floresça.

Como o patrimônio natural se enquadra como um “Patrimônio do Amanhã”

O patrimônio natural pode ser concebido como um “patrimônio do amanhã” devido à sua natureza dinâmica e crescente importância diante das mudanças globais contemporâneas. Essa concepção se fundamenta em diversas dimensões inter relacionadas.

A primeira dessas dimensões refere-se à temporalidade. O reconhecimento do patrimônio natural como “patrimônio do amanhã” implica vê-lo não apenas como um legado do passado ou uma manifestação do presente, mas como uma herança que necessita de preservação e gestão para benefício das futuras gerações. A noção de temporalidade é essencial, pois ecossistemas, espécies e paisagens naturais que compõem o patrimônio natural estão em contínua transformação, influenciados tanto por processos naturais quanto por intervenções humanas. A conservação desse patrimônio busca assegurar sua continuidade e a manutenção dos benefícios ambientais, culturais e econômicos que ele oferece.

Em segundo lugar, o conceito de sustentabilidade e responsabilidade intergeracional está intimamente ligado à ideia de patrimônio do amanhã. A preservação do patrimônio natural traz uma responsabilidade que atravessa gerações, uma vez que as decisões atuais influenciam diretamente o bem-estar e a sobrevivência das gerações futuras. Essa visão exige uma perspectiva de longo prazo, superando interesses imediatistas e promovendo uma harmonização entre o desenvolvimento humano e a conservação dos recursos naturais.

A terceira dimensão relaciona-se às incertezas ambientais e mudanças climáticas. Em um cenário de crescentes incertezas ambientais, onde mudanças climáticas e degradação ambiental ameaçam a integridade do patrimônio natural, o conceito de “patrimônio do amanhã” enfatiza a urgência de ações mitigadoras. Promover a resiliência dos ecossistemas e fomentar práticas de uso sustentável são passos essenciais para que esse patrimônio possa continuar a existir e ser aproveitado no futuro.

A quarta dimensão refere-se à construção de identidades futuras. O patrimônio natural não apenas define as identidades das sociedades atuais, mas também influencia as identidades das futuras gerações. Relações culturais, espirituais e simbólicas com a natureza são transmitidas de geração em geração, influenciando a forma como as sociedades futuras se relacionarão com o ambiente. Ao proteger o patrimônio natural hoje, delinea-se, em parte, o caráter cultural e a consciência ambiental das sociedades vindouras.

Em síntese, o patrimônio natural é considerado um patrimônio do amanhã porque sua preservação é essencial para a continuidade da vida, para a perpetuação da cultura e do conhecimento humano, incluindo os saberes ancestrais e as práticas tradicionais que se enraízam no ambiente natural. Esse patrimônio representa um legado cultural dinâmico, carregado de memórias e simbolismos que atravessam gerações e reforçam a identidade coletiva das comunidades. Ele exige, portanto, uma gestão cuidadosa e respeitosa no presente. Assim, proteger o patrimônio natural é também proteger as narrativas e as práticas culturais que enriquecem e definem o significado da existência humana em diferentes territórios.

O problema da mineração

Os rompimentos das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019) exemplificam os impactos catastróficos da atividade mineradora em Minas Gerais e no Brasil. Além das irreparáveis perdas humanas, esses eventos revelaram graves questões relacionadas à gestão de resíduos de mineração, segurança nas operações, falhas regulatórias e impactos socioambientais de longa duração.

A mineração em Minas Gerais, em especial, está historicamente vinculada à intensa exploração dos recursos naturais, resultando em degradação ambiental e riscos de desastres. As barragens de rejeitos, construídas para armazenar resíduos, representam um risco constante, agravado pela sua localização em áreas geologicamente vulneráveis. Entre os impactos decorrentes dessa atividade estão a poluição dos corpos d'água, o desmatamento e a perda de biodiversidade.

Esses desastres também evidenciaram a negligência e as falhas de gestão nas atividades mineradoras. Em ambos os casos, as falhas de manutenção, o descumprimento de normas de segurança e a ausência de um planejamento de prevenção a desastres refletem uma falta de compromisso das empresas e a fragilidade das políticas regulatórias. O modelo de mineração, focado em lucros a curto prazo, frequentemente ignora as condições de segurança dos trabalhadores e das comunidades locais.

O impacto social e econômico da mineração é complexo. Comunidades que convivem com as mineradoras experimentam uma relação ambígua: as empresas oferecem emprego e contribuem para o desenvolvimento econômico, mas os riscos e danos associados a essa atividade muitas vezes superam os benefícios, resultando em profundas consequências sociais e econômicas nas regiões afetadas.

Os rompimentos de Mariana e Brumadinho, além de trágicos, destacam a necessidade de um repensar urgente do modelo de desenvolvimento baseado na mineração. Eles reforçam a importância de políticas rigorosas de segurança, transparência nas operações mineradoras e responsabilidade socioambiental das empresas envolvidas.

Futuro Ancestral

As reflexões sobre a relação entre ser humano e natureza ressoam profundamente com as ideias de Ailton Krenak em seu livro Futuro Ancestral. Embora se situe em um contexto contemporâneo, Krenak apresenta uma perspectiva que transcende as barreiras do tempo, a partir de uma visão de mundo envolta na experiência coletiva e histórica da humanidade. Ao defender o elo entre as diferentes temporalidades, sustentado pela própria natureza, o autor sugere que a compreensão do passado e a projeção de futuros possíveis estão intimamente ligadas aos ciclos naturais e às experiências humanas ao longo dos séculos. Para Krenak, a natureza e seus elementos tornam-se testemunhas vivas de uma história compartilhada, agentes de memória que perpassam e moldam a vida ao longo das gerações.

Logo no início de sua obra, Krenak escreve:

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são que me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.³

Esse pensamento traz à tona a ideia de que os rios, ao continuarem a fluir, as montanhas, ao se manterem imponentes, e a natureza, como um todo, ao oferecer possibilidades de renovação, carregam consigo vestígios do que foi e vislumbres do que pode ser. O reconhecimento dessa continuidade reforça a interdependência entre humanidade e ambiente natural, sustentada em uma lógica de permanência e transformação.

Krenak explora essa visão em seu capítulo “Saudações aos Rios”, onde ele reflete sobre a importância das águas e o papel dos cursos d’água na formação das primeiras ocupações humanas. Segundo o autor, os rios, muito além de serem fontes de recursos, são elementos sagrados que orientaram o assentamento humano, proporcionando sustento, cuidado e bênçãos às comunidades que vivem em suas margens. A água, dotada de um simbolismo espiritual e vital, foi historicamente um ponto de equilíbrio e conexão entre as populações e o mundo natural. No entanto, Krenak aponta a ruptura dessa unidade ao abordar a exploração colonial e capitalista, que reduziu a sacralidade das águas em favor do desenvolvimento econômico. Os rios,

³ KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 11.

outrora reverenciados, foram reprimidos e transformados para atender às demandas de exploração mineral, como a do ouro, perdendo parte de sua condição sagrada e transformando a relação harmoniosa entre humanos e natureza em uma de dependência e exploração.

Essa mudança na forma de interação entre ser humano e natureza, conforme exposta por Krenak, suscita uma profunda reflexão sobre os modelos de desenvolvimento e as consequências de dissociar a vida humana do seu ambiente natural. A visão de Krenak afirma o respeito aos ciclos naturais e aos elementos que o compõem, o que é essencial para a sustentabilidade da própria humanidade. Para o autor, a perspectiva de um “futuro ancestral” não é meramente uma utopia, mas um convite a retornar ao que já existia, reverenciando as conexões atemporais com a natureza como bases para um futuro mais equilibrado e consciente.

Considerações Finais

Em conclusão, a natureza, longe de ser um mero cenário passivo ou um fundo imutável das atividades humanas, configura-se como um registro histórico dinâmico e multifacetado. Ao discutir sobre as múltiplas camadas de interação entre a humanidade e o ambiente natural, pode-se ir além da visão de recursos a serem explorados, algo fundamental para a compreensão das práticas culturais, econômicas e espirituais que moldaram as civilizações ao longo dos séculos. Esse olhar atento para a natureza permite acessar vestígios de sistemas de crença, de práticas de uso da terra e de estruturas de poder, evidenciando como diferentes sociedades interpretam e interagem com seus ecossistemas.

A exploração colonial, por exemplo, marca uma ruptura significativa no modo de interação entre homem e natureza. A análise do patrimônio natural, então, emerge como uma fonte para se compreender os recursos e condições ambientais de épocas passadas, os valores e transformações que marcaram as sociedades humanas. A natureza, portanto, deve ser interpretada como uma protagonista histórica, uma testemunha ativa e rica em significado, que quando examinada com rigor e sensibilidade, revela processos e experiências humanas essenciais para a construção de

uma narrativa histórica mais profunda e inclusiva. É através desse prisma que se pode conceber o patrimônio natural não apenas como um registro do passado, mas como um “patrimônio do amanhã”, cuja preservação é essencial para garantir que as futuras gerações herdem tanto a diversidade ecológica quanto as memórias culturais que dão sentido e continuidade à experiência humana no planeta.

Referências bibliográficas

FERNANDES, Juliana Ventura de Souza. *A “Guerra Dos 18 Anos” – Repertórios Para Existir E Resistir À Ditadura E A Outros Fins De Mundo*; Uma perspectiva do povo indígena Xakriabá e suas cosmopolíticas de memória. 2020. Tese (Doutorado em História) - UFMG. Disponível em: <http://historia.fafich.ufmg.br/defesas/304D.PDF>.

Krenak, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN 9786557827468. 2022.

MATZNER, Mark de Soldi. *O conceito de natureza entre a decadência e o progresso na História Natural luso-mineira (1772-1808)*. 259 f. 2020. Dissertação (Mestrado em História). UFOP. Mariana, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/13084>.

NAVARRETE-LINARES, Federico. *Donde queda el pasado: reflexiones sobre los cronotopos históricos*. In: GUERRA, Gudea (Coord.) *El historiador frente a la historia. El tiempo em Mesoamérica*. Ciudad de México: Universidad Autónoma de México, 2004, p. 29- 52. Disponível em: https://historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/428/428_04_03_ElPasado.pdf.

PEREIRA, Chyara Sales. *Modernidade, racionalização e natureza*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. 2007. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-066/1056.pdf>.

SANT ANA, Helena Amaral. *Caminhos percorridos pela Casa dos Papagaios: territorialidade e relações de poder em Aiuruoca através das interações com a natureza* (Minas Gerais - Século XVIII). 175 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17343?locale=es>. Acesso em: 18/10/2024.

SERPA, A. *Paisagem, Lugar E Região: Perspectivas Teórico- Metodológicas Para Uma Geografia Humana Dos Espaços Vividos*. GEOUSP Espaço e Tempo (Online). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74309>.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Jardim das Hespérides: Minas e as visões do mundo natural no século XVIII*. Companhia das Letras. São Paulo - SP. 2022.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982. 263p.